



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA - UEPB
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E AGRÁRIAS - CCHA
CAMPUS IV - DEPARTAMENTO DE LETRAS E HUMANIDADES - DLH
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS**

***BISA BIA, BISA BEL: A BUSCA DE IDENTIDADE E DE EQUILÍBRIO
INTERIOR EM ANA MARIA MACHADO***

ANDREZA SANTANA DE ARAÚJO MARTINS

**CATOLÉ DO ROCHA – PB
2023**

ANDREZA SANTANA DE ARAUJO MARTINS

***BISA BIA, BISA BEL: A BUSCA DE IDENTIDADE E DE EQUILÍBRIO INTERIOR
EM ANA MARIA MACHADO***

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Letras e Humanidades – CCHA/CAMPUS IV, da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito para obtenção do título de Licenciatura Plena em Letras.

Orientadora: Profa. Dra. Vaneide Lima Silva.

**CATOLÉ DO ROCHA – PB
2023**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

M379b Martins, Andreza Santana de Araujo.

Bisa Bia, Bisa Bel: *Bisa Bia, Bisa Bel: a busca de identidade e de equilíbrio interior em Ana Maria Machado.* [manuscrito] / Andreza Santana de Araujo Martins. - 2023.

33 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Humanas e Agrárias, 2023.

"Orientação : Profa. Dra. Vaneide Lima Silva ,
Coordenação do Curso de Letras - CCHA. "

1. Narrativa infantil. 2. Ana Maria Machado. 3. Identidade.
4. Equilíbrio interior. I. Título

21. ed. CDD 801.95

BISA BIA, BISA BEL: A BUSCA DE IDENTIDADE E DE EQUILÍBRIO INTERIOR EM ANA MARIA MACHADO

ANDREZA SANTANA DE ARAÚJO MARTINS

APROVADO EM: 30 de novembro de 2023.

Vaneide Lima Silva

Prof.^a. Dr.^a. Vaneide Lima Silva

Orientadora - UEPB/CAMPUS IV

Ana Paula Lima Carneiro

Prof.^a. Dr.^a. Ana Paula Lima Carneiro

Examinadora - UEPB/CAMPUS IV

Jordânia Dantas Freire

Profa. Esp. Jordânia Dantas Freire

Examinadora Externa - UFCG

CATOLÉ DO ROCHA - PB

2023

Dedico este trabalho ao meu filho Arthur, que me faz querer ser uma pessoa melhor a cada amanhecer, e a sempre estar em busca de formas positivas para educá-lo e a se tornar um ser humano bom, justo, inteligente e sonhador. Amo você, com carinho, mamãe...

“A vida da criança é toda ela dominada pela brincadeira. Assim, a passagem de uma crença inicial à exploração lúdica dessa crença ocorre muito cedo, e de maneira imperceptível. No prefácio do álbum sempre citada, *Comment la souris reçoit une pierre sur la tête et découvre le monde*, o próprio Jean Piaget nos adverte: ... Nos escritos infantis que colhemos [...] era difícil separar a parte das crenças e a da representação imaginária ou do prazer de inventar.”

(Jacqueline Held)

RESUMO

A presente pesquisa tem como objetivo analisar a narrativa *Bisa Bia, Bisa Bel* (1982), de Ana Maria Machado, procurando observar de que maneira se configura a busca pela identidade e o equilíbrio interior da personagem central na narrativa. Desse modo, buscamos identificar e caracterizar a protagonista na narrativa e perceber, através da análise da protagonista, bem como através do foco narrativo, de que modo a busca pela identidade se verifica na obra. Destacamos também a importância da leitura da obra de Ana Maria Machado e sua relevância para a formação de jovens leitores. Trata-se de um estudo de caráter bibliográfico que tem como referencial teórico autores que discorrem sobre análise da narrativa, como Gancho (2004), teóricos que abordam sobre a literatura voltada para crianças e jovens como: Cunha (2006), Antunes (2003), abordando problemas na metodologia de ensino, bem como estudos que se voltam para a representação da mulher na sociedade como é o caso de Adichie (2017), além de textos críticos que giram em torno na obra de Ana Maria Machado, a exemplo de Costalonga (2016) e Lajolo (2001). A análise demonstra que, a construção da identidade e a busca pelo equilíbrio interior é trajeto movimentado, repleto de mudanças, oscilação de sentimentos e que no percurso de se autoconhecer, existem ainda grandes obstáculos. Dessa forma concluímos que a personagem de Ana Maria Machado por diversas vezes está em encontro com o machismo que há muito está enraizado na sociedade, como também os preconceitos, de modo que trabalhar e investir na literatura é a resistência para reduzirmos os impactos desse imenso problema em nosso corpo social.

Palavras-chave: Narrativa Infantil; Ana Maria Machado; Identidade; Equilíbrio interior.

ABSTRACT

The aim of this research is to analyze the narrative *Bisa Bia, Bisa Bel* (1982), by Ana Maria Machado, in order to see how the search for identity and the inner balance of the central character in the narrative is configured. In this way, we seek to identify and characterize the protagonist in the narrative and understand, through an analysis of the protagonist, as well as through the narrative focus, how the search for identity is verified in the work. We also highlight the importance of reading Ana Maria Machado's work and its relevance to the education of young readers. This is a bibliographical study whose theoretical reference is authors who discuss narrative analysis, such as Gancho (2004), theorists who discuss literature for children and young people, such as Cunha (2006), Antunes (2003), who addresses problems in teaching methodology, as well as studies that focus on the representation of women in society, such as Adichie (2017), in addition to critical texts that revolve around the work of Ana Maria Machado, such as Costalonga (2016) and Lajolo (2001). The analysis shows that the construction of identity and the search for inner balance is a busy journey, full of changes, fluctuating feelings and that there are still major obstacles in the way of self-knowledge. We therefore conclude that Ana Maria Machado's character often encounters the machismo that has long been ingrained in society, as well as prejudices, so that

working and investing in literature is the resistance to reducing the impact of this immense problem on our social body.

Keywords: Children's narrative; Ana Maria Machado; Identity; Inner balance.

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	10
1	CONSIDERAÇÕES EM TORNO DA NARRATIVA PARA CRIANÇAS.....	12
1.1	A NARRATIVA PARA CRIANÇA.....	14
2	ANA MARIA MACHADO E A LITERATURA INFANTO-JUVENIL BRASILEIRA.....	16
2.1	ACERCA DA OBRA DE ANA MARIA MACHADO E SUA IMPORTÂNCIA NA FORMAÇÃO DE LEITORES.....	18
3	<i>BISA BIA, BISA BEL: A BUSCA DE IDENTIDADE E DE EQUILÍBRIO INTERIOR EM ANA MARIA MACHADO</i>.....	21
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	30
	REFERÊNCIAS	31
	AGRADECIMENTOS.....	33

INTRODUÇÃO

Objetivamos nesta pesquisa analisar a narrativa *Bisa bia, Bisa bel* (1982), de Ana Maria Machado, procurando observar de que maneira se configura a busca pela identidade e o equilíbrio interior da personagem central na narrativa, sem deixar de apontar a importância da leitura da obra para a formação de leitores, uma vez que partimos da constatação de que o texto literário pode e deve contribuir para a formação humana, na medida em que tende a ampliar os horizontes do leitor em construção, possibilitando, entre outros aspectos, o surgimento do senso crítico.

Nessa perspectiva, acreditamos que a leitura dessa narrativa tende a favorecer o autoconhecimento, pois o livro discute questões sociais que marcam a experiência humana, mais notadamente a experiência da mulher, temática recorrente na obra da autora. Especificamente no enredo deste livro, temos a história de Isabel que ao encontrar um retrato antigo de sua bisavó resolveu ficar com ele e acaba perdendo. Por isso, através de sua imaginação, ela começa a escutar a bisavó como se ela realmente estivesse lhe ajudando e dando conselhos. A menina vive muitas aventuras sem sair do colégio e mesmo de casa, depois de algum tempo, ela começa a ouvir outra voz que se diz ser a sua bisneta, a partir daí, as três conversam muito e no final da história Isabel acaba descobrindo que havia deixado o retrato cair quando estava brincando e um dos colegas entregou para a professora, que havia guardado e o devolveu para Isabel.

Logo, verificamos que o enredo põe em evidência uma menina que dialoga com outras vozes, nos colocando em contato com três gerações de mulheres, cada uma ambientada em seu tempo, com crenças e comportamentos distintos. Este constitui um dos aspectos que despertou o interesse pela obra, nos suscitando o objetivo de querer entender o papel da mulher representado na narrativa, de modo que a leitura nos leva a refletir sobre o lugar que este segmento (mulher) ocupa na sociedade, temática atual e passível de discussão, uma vez que ainda predomina nas relações sociais uma cultura patriarcal, que coloca a mulher numa condição de inferioridade e submissão.

O contato com o livro se deu ao cursar o componente Literatura Infância Juvenil, no Curso de Letras, ocasião em que a turma teve a oportunidade de conhecer alguns autores representativos da Literatura voltada para crianças e jovens. A leitura desta obra nos tomou de forma arrebatadora, surgindo daí nosso desejo de tomá-la como objeto de estudo. Na narrativa o incômodo de Isabel, conhecida como Bel, que

encontra a fotografia da sua bisavó, Beatriz, apelidada de Bia, ao sentir que seus feitos parecem não agradar a sua bisa, favorece um diálogo no enredo bastante envolvente, ao mesmo tempo em que reflete um confronto de opiniões que possibilita ao leitor o contato com experiências de mulheres de épocas diferentes, reunindo o passado de Bia, o presente de Bel e futuro de Beta, que surge na estória para constituir essa trilogia temporal que acaba influenciando Isabel e favorecendo sua busca interior.

A experiência de Isabel remete para minha própria vivência, pois tive um vínculo muito forte com minha falecida bisavó e minha vó, além de minhas primas de segundo grau. Senti-me parte da história de Ana Maria Machado. Da mesma forma, outros leitores poderão se identificar com a criação da autora, e, através da experiência estética, ampliar seu conhecimento de mundo, expandir seus horizontes de expectativas. Esperamos que a análise da protagonista da obra, bem como seu foco narrativo, nos permita verificar de que modo a busca pela identidade se verifica na narrativa.

Para a construção dessa pesquisa, faremos um estudo bibliográfico, a qual, segundo Gil (1999) é definida como análises de conteúdos que não necessitam de uma pesquisa direta, mas de conteúdos secundários. Dentre os autores que fundamentam essa pesquisa, recorreremos a textos teóricos voltados ao estudo da literatura para crianças e jovens, bem como estudos que se voltam para a representação da mulher na literatura, além de textos críticos que giram em torno da obra de Ana Maria Machado, sendo indispensável a leitura de trabalhos como Gancho (2004), Cunha (2003), Costalonga (2016), Lajolo (2001), Leite (1994), dentre outros.

Quanto a sua organização, o trabalho encontra-se assim organizado: no primeiro momento, faremos algumas considerações em torno da narrativa para crianças e adolescentes, apontando, dentre outros aspectos, os elementos indispensáveis em uma narrativa que busque atingir esse público; no segundo tópico o nosso propósito é situar historicamente a literatura infanto-juvenil no Brasil, destacando, em seguida, a importância da obra de Ana Maria Machado para a formação de crianças e jovens leitores, apontando, inclusive, estudos relevantes que já foram elaborados a partir da produção da autora. Por último, faremos o estudo analítico da obra, tendo como centro a personagem principal, procurando observar de que maneira se configura na narrativa a busca pela identidade e o equilíbrio emocional da protagonista, além de analisar outros elementos estruturais da narrativa, a exemplo do foco narrativo, que consideramos importantes para a construção do perfil da personagem principal do livro.

É no ambiente escolar que as crianças e jovens têm uma diversidade de convivências, compartilham e compreendem experiências. Dessa forma, acreditamos que a leitura da obra de Ana Maria Machado, mais especificamente *Bisa Bia, Bisa Bel*, pode contribuir para a ampliação da experiência dos leitores em formação, uma vez que o enredo da narrativa explora o emocional da protagonista. Identificados com a vivência da protagonista, os leitores têm a possibilidade de tomar para si essa experiência e amadurecer, por extensão, sua própria história de mundo. Neste sentido, a obra tende a contribuir com o repertório do aluno, cumprindo, assim, um importante papel social na história de leitura dos estudantes.

1 CONSIDERAÇÕES EM TORNO DA NARRATIVA PARA CRIANÇAS

Este tópico objetiva, num primeiro momento, retomar algumas considerações em torno do conceito de narrativa, destacando algumas de suas principais características. Num segundo momento, procuramos apontar alguns elementos da narrativa voltada para crianças e jovens, sem deixar de destacar a importância da leitura desse gênero narrativo para a formação de crianças e jovens.

Segundo Gancho (2004, p. 01): “narrar é uma manifestação que acompanha o homem desde sua origem” e narrar, portanto, faz parte da vida de todos, devendo ser encarado como um ato de comunicação fundamental onde é possível organizar as experiências e contar histórias vividas, testemunhadas ou imaginadas. Visto isso, além da narrativa ser uma exposição dos fatos, temos também as narrativas literárias que contam uma história de maneira a criar sua própria “realidade” por meio de estratégias.

Gancho (2004) faz a abordagem dessas estratégias, apresentando como cinco dos elementos principais para estruturar uma narrativa: enredo, personagens, tempo, espaço e narrador. A autora afirma que: “Toda narrativa se estrutura sobre cinco elementos, sem os quais ela não existe. Sem os fatos não há história, e quem vive os fatos são os personagens, num determinado tempo e lugar” (Gancho, 2004, p. 04).

Tendo em vista que a definição acerca desses cinco elementos facilitará a leitura e análise deste trabalho, trazemos um breve resumo sobre eles a partir desta autora, que os define da seguinte forma:

O enredo é o conjunto dos fatos da história e é composto por duas partes, a

verossimilhança, que diz que: “[...] cada fato tem uma causa e desencadeia uma consequência”. (Gancho, 2004, p. 5). A segunda parte fala sobre elementos do enredo, momento em que Gancho explica que vai além do começo meio e fim, trata-se do que estrutura essa organização dos fatos, formada pelo conflito, ponto que prende e desperta interesse no leitor. É preciso ressaltar que a tensão, nos tipos de conflito, é entre personagens, ambientes, ideias, religiosos, psicológicos e outros. De acordo com autora, “o conflito determina as partes do enredo:” (Gancho, 2004, p. 5) exposição, complicação, clímax e desfecho da história. Para concluir, temos ainda o enredo psicológico, em que a autora diz que “[...] os fatos nem sempre são evidentes, porque não equivalem a ações concretas do personagem, mas a movimentos interiores”.

Os personagens são aqueles que fazem as ações do enredo. Gancho (2004) lembra ainda que independente de ser baseado ou não em fatos reais, o personagem é sempre uma invenção. Os personagens se classificam em protagonista (Herói ou anti-herói), Antagonista (vilão) e personagens secundários (ajudantes ou figurantes). Suas classificações são: planos (personagens pouco complexos) e redondos (têm variedades maiores de características).

Sobre o tempo, a autora aborda o fictício, seus níveis são: época em que se passa a história, o que não se trata exatamente do tempo real da publicação, tendo a época passada, presente e futuro; duração da história, que pode ser curta ou longa; tempo cronológico, em que os fatos são contados em ordem natural do começo para o final; tempo psicológico, onde a ordem dos fatos é alterada e contada de acordo com as vontades ou imaginação do narrador ou personagens.

“Espaço é, por definição, o lugar onde se passa a ação numa narrativa”. (Gancho, 2004, p. 14), ou seja, é o lugar físico onde ocorre a história. Gancho diz que o espaço carrega características socioeconômicas, psicológicas, morais, e tem função de situar as condições em que os personagens vivem.

Por fim, temos o narrador, uma vez que “não existe narrativa sem narrador, pois ele é o elemento estruturador da história” (Gancho, 2004, p. 16). Gancho divide os tipos de narrador em dois: terceira pessoa, aquele que está fora dos fatos podendo ser onisciente ou onipresente e tem ainda suas variantes, narrador intruso e narrador parcial. O narrador em primeira pessoa ou personagem, aquele que está diretamente no enredo como qualquer outro personagem, suas variantes são narrador testemunha e narrador protagonista.

Vale ressaltar que, “as variantes do narrador em primeira pessoa ou em terceira pessoa podem ser inúmeras, uma vez que cada autor cria um narrador diferente para

cada obra. Por isso [...] narrador não é autor, mas uma entidade de ficção, [...] só existe no texto”. (Gancho, 2004, p. 19).

Segundo Leite (1994), a narrativa se define como uma história, contada ou recontada, fatos vividos ou imaginados: “Quem narra, narra o que viu, o que viveu, o que testemunhou, mas também o que imaginou, o que sonhou, o que desejou. Por isso narração e ficção praticamente nascem juntas”. (Leite, 1994, p. 6). No que diz respeito ao mundo infantil quando as crianças estruturam suas primeiras narrativas é comum que sejam vistas como produções “sem sentido” ou com “incoerências”, talvez por não seguirem uma ordem correta das regras. Platão e Aristóteles, ao falarem sobre o imitar e narrar dizem que desde sempre histórias são narradas, sejam elas no sentido presenciados, vividos ou imaginados. Ou seja, a narrativa tira do homem a sua própria experiência, um conhecimento mútuo.

O fato é que a narrativa, enquanto gênero literário, quando voltada para a público infantil, deve apresentar elementos do universo infantil. Nesta perspectiva, Cunha (2003) defende que algumas especificidades devem ser consideradas por quem escreve o gênero. No tópico a seguir abordaremos com mais precisão alguns desses elementos, considerados pela autora como indispensáveis na narrativa que se volta ao público infantil.

1.1 A narrativa para crianças

Segundo Cunha (2003), a criança, irrequieta por natureza, incapaz de uma atenção demorada, irá interessar-se naturalmente pelos livros em que a todo momento apareçam fatos novos e interessantes, cheios de peripécias e situações imprevistas, movimentando-se assim o espírito infantil. Contudo, não só o movimento físico, observa a autora, a ação das personagens cria o dinamismo da história: imaginamos que uma boa técnica narrativa cria a movimentação, a preocupação máxima de um narrador para crianças.

Ainda segundo Cunha (2003) o autor terá mais sucesso entre as crianças se evitar descrições e digressões longas, ainda que muito pitorescas, mas que não tenham nada com o fio de ação da história. Em geral, elas interrompem o caso, e o resultado não será o desejado pelo autor. É o que nos lembra Monteiro Lobato: “as narrativas precisam correr a galope, sem nenhum efeito literário”. Assim, a narração é mais agradável ao espírito infantil. Com relação às falas e aos pensamentos das

personagens, a melhor apresentação é através do discurso direto. O diálogo, predominantemente no conto em geral, torna-se mais necessário ainda para crianças: ele atualiza a cena, presentifica os fatos, envolve mais facilmente o leitor que o discurso indireto, que fica a cargo do narrador. Por tudo isso, se bem feito, numa linguagem realmente oral e adequada às características da personagem e à situação, o diálogo dá um grande realismo à cena (Cunha, 2003)

As questões relativas às personagens são também muito importantes, orienta a autora: o número, o aparecimento, as oposições entre as personagens, suas características, são pontos importantes a considerar, dentro do conjunto da obra. Quando à classificação, as personagens serão frequentemente planas, sem grande complexidade.

O desenvolvimento de uma história para crianças será diferente do de uma narrativa para adultos. Para Cunha (2003), é notório que a criança vem acostumando-se aos poucos aos processos narrativos da televisão e do cinema, mas nestes a imagem e outros processos ajudam a criança a perceber mais facilmente mudanças mais complexas de planos narrativos. Por isso, vários processos usados num romance para adultos não podem ser empregados numa obra infantil, sob pena de tornar a narrativa inacessível à criança.

Assim, é importante a narrativa linear, com tempo cronológico (e não psicológico), sem cortes e voltas ao passado (*flash-back*) ou a cenas paralelas, sem “fluxos de consciência”. De acordo com Cunha (2006), os recursos narrativos mais adequados à criança costumam formar o conto ou o romance de ação, nos quais predominam a intenção de distrair, sem outro compromisso que o de narrar uma história interessante.

Essa história interessante deve ter o desfecho feliz. Esse é um requisito essencial sobretudo para as crianças mais novas. Cunha (2003) fala que, se o adulto é capaz de ler um livro ou ver um filme que acabe mal, sem deixar de apreciar o livro ou o filme, pelo aspecto puramente artístico, ou pela realidade da vida neles apresentada, tal não se pode esperar da criança. Normalmente ela vive a história, identifica-se com a personagem simpática, e o final desagradável a feriria inutilmente. Não queremos dizer que o final deva ser sempre a mais absoluta felicidade. O que a autora afirma e somos de acordo é que a amargura não deveria ser desenvolvida no espírito infantil.

O propósito deste segundo tópico é situar historicamente a Literatura Infanto Juvenil no Brasil, destacando, num segundo momento, a importância da obra de Ana Maria Machado para a formação de crianças e jovens leitores. Com base em trabalhos críticos já realizados em torno da obra da autora, a nossa intenção é apontar alguns estudos relevantes que subsidiaram a leitura de sua obra, indicando, assim, sua fortuna crítica.

A importância de se contar histórias parte do fato de que histórias contam tradições de um povo, registra um povo que já existiu e existe, é importante que as sejam passadas de gerações a gerações não apenas no intuito de registrar o que ocorreu, mas do que se espera do futuro. Essas histórias tinham um único público, os adultos, as crianças não viviam em posição definida, consumiam e participavam de ações destinadas aos adultos. Com base no material de estudos História... (é um autor?)(2017) “No início do século XVII, no período denominado Renascimento, a estrutura de ensino é um identificador da ausência de um conceito específico para infância” (História..., 2017, p. 1). O texto comenta ainda que as crianças eram apenas menores, portanto, tratadas como “miniaturas de adultos”, e não havia distinção de conteúdo.

Conforme Cunha (2003), A história da literatura infantil tem poucos capítulos: começa a delinear-se no início do século XVIII, quando a criança passa a ser considerada um ser diferente do adulto, com necessidades e características próprias, pois, como abordado anteriormente, não tinham acesso a conteúdo que fossem pensados para elas. Paço (2019) afirma que se viu a necessidade de novos meios que construíssem e preparassem, de forma adequada, as crianças para meio social futuro, avaliando a necessidade de educar as crianças para além da alfabetização, que de toda forma nem era planejada diretamente para elas, e poucas eram aquelas que a tinham acesso. Vale, portanto, ressaltar que, a se pensar pelos ideais da época, a educação tinha conceito e objetivos diferentes.

No Brasil, a literatura infantil surge entre os séculos XIX e XX a partir de mudanças sociais como o crescimento urbano-industrial, momento em que veem-se a necessidade de meios para educar melhor os filhos. A respeito da história dessa literatura Cunha (2003) aborda também que num primeiro momento foram traduzidos e adaptados clássicos europeus, pelo jornalista e professor Alemão que havia vindo para o Brasil, Carl Janse. Outro precursor foi Figueiredo Pimentel, brasileiro que trabalhava na imprensa da época e publicou vários sucessos, como, por exemplo, os

conta da carochinha (1894).

Logo após veio Lobato, que de acordo com Cunha (2003) foi quem de fato deu forma aos primeiros movimentos da literatura Infantil brasileira, com a obra *a menina do nariz arrebitado* (1921). Cunha diz ainda que: “Com uma obra diversificada quanto a gêneros e orientação, cria esse autor uma literatura centralizada em algumas personagens, que percorrem e unificam seu universo ficcional” (Cunha, 2003, p. 1). Com sua escrita criativa que fugia dos objetivos padrões da literatura infantil, Lobato foi considerado nos anos 20, e até hoje, um grande e respeitado escritor que inovou a literatura infantil e, segundo Cunha (2003), abriu espaço para muitos outros escritores talentosos, como é o caso de Ana Maria Machado, que surge a partir dos anos 60.

Temos, então, entre as figuras importantes para a literatura infantil brasileira, Ana Maria Machado, autora da obra que aqui será trabalhada, que na sua biografia, lançada em (2001), é descrita como uma das escritoras de literatura infantil mais importantes do nosso país. Nasceu em Santa Tereza, no Rio de Janeiro, é filha de um Jornalista político e de uma professora, que trabalhava em uma biblioteca, fatos esses que para Machado foram de grande valia para que ela se espelhasse e tivesse gosto pela leitura.

No tocante a vida profissional, de acordo com a ABL (2017), Machado foi jornalista, empresária, pintora, tradutora e a primeira escritora de literatura infantil a fazer parte da Academia Brasileira de Letras. Por mais de dez anos trabalhou na Rádio Jornal do Brasil, em 1980 foi uma das fundadoras que principiou a primeira livraria voltada para o público infantil no Brasil, a *Malasart*.

Enquanto escritora, a autora já publicou cerca de 80 livros. Ganhou prêmios como o Prêmio Jabuti de literatura (1978), em 1981 ganhou o prêmio Casa de las Américas com o livro *De olho nas penas*, e em 2000 o prêmio Ordem do mérito cultural. No mesmo ano recebeu o prêmio de maior importância para a literatura infantil, o prêmio de Hans Cristian Andersen. Dentre suas obras de maior sucesso, destacamos algumas: *Raul da Ferrugem Azul* (1979), *Menina bonita do laço de fita* (1986), bem como a obra que iremos analisar neste trabalho, *Bisa Bia, Bisa Bel*, publicado em 1981 e que virou novela.

De um modo geral, a obra da autora põe em evidência o universo feminino, com muitas meninas como protagonistas, quase sempre numa ruptura entre o feminino e o masculino, conforme aponta Costalonga (2016):

Ao se relacionar com as personagens femininas de Ana Maria Machado, depreende-se que se trata de meninas, jovens e/ou mulheres que buscam sua identidade e compreensão diante das situações aflitivas que vivenciam. Agentes de suas próprias ações, não se eximindo de suas responsabilidades que, por diferentes caminhos, tentam mostrar a ruptura com os papéis masculinos e femininos tradicionais. Contudo, é com *Bisa Bia, Bisa Bel* que Ana Maria Machado discute a condição da mulher e a construção do futuro, centrando a narrativa na menina Isabel e suas vozes interiores do passado e do futuro; representadas por Bisa Bia e Neta Beta (Costalonga, 2016, p. 85).

O fragmento anterior é uma representação do papel que ocupa a personagem de Isabel na obra de *Bisa Bia, Bisa Bel* (1982), pois em dois pontos: condição feminina e construção do futuro, resume o que pode ser observado e analisado na narrativa; a condição feminina, como era e a trajetória até o momento presente, assim como o caminho a ser percorrido para melhorar tais condições e romper com papéis tradicionalistas. No tópico a seguir traremos mais algumas informações sobre a obra da autora, buscando destacar a importância da leitura de sua obra para a formação de leitores.

2.1 Acerca da obra de Ana Maria Machado e sua importância na formação de leitores

Autora reconhecida internacionalmente, Ana Maria Machado já possibilitou a realização de muitos estudos em torno de sua obra. Especificamente em torno da narrativa *Bisa Bia, Bisa Bel*, destacamos o trabalho de Malheiros (1983), que avalia positivamente o livro da escritora, afirmando que a obra soma positivamente a essa construção da identidade e equilíbrio interior dos seus leitores. O fato de Bel viver essas três fases de costumes passados, sua infância e futuras gerações tornam o trabalho muito valioso: “você vai se deixando levar e quando vê lá está remexendo no que tem de mais íntimo, em suas lutas para se auto-construir” (Malheiros, 1983).

Ana Maria enxerga a importância de formar jovens em leitores críticos desde cedo, não no sentido de doutrinar, mas de fazer refletir, ao apresentar alguns contextos sociais de forma a causar espanto nos leitores. No caso da narrativa em questão, isso acontece por meio da personagem principal, ao fazê-la apontar e detalhar tais preconceitos sociais e culturais como absurdos. É o que aponta Costalonga:

O enredo de Ana Maria Machado, desta forma, ecoa, dando voz ao que outrora era silêncio. Não o silêncio em sua essência do termo, mas aquele camuflado sob os ditames de uma época patriarcal que sufocava qualquer que fosse a voz não condizente com a do dominador (Costalonga, 2016, p. 39).

Machado escrevia em uma época de censura, suas obras funcionavam como

críticas culturais e políticas, de modo que até o presente momento ainda contribui para orientar leitores sobre os reais problemas que a sociedade estava enfrentando, e ainda enfrenta. A autora leva aos leitores algo que o governo não deseja, senso crítico, refletir sobre as posições de poder, pois suas obras fazem os leitores lerem as entrelinhas e pensarem por si próprios. Patrocínio (2014) diz que:

Durante a ditadura militar no Brasil, muitos autores brasileiros encontraram na literatura infantil o espaço para expor seus questionamentos e protestos contra a política de repressão imposta pelo governo. Dentre eles, temos Ana Maria Machado, que tem denunciado, através de seus textos dirigidos ao público infantil e/ou adulto, os abusos do poder e a realidade político social de um país que vive alienado graças à falta de contato com livros. (Patrocínio, 2014, p. 61)

Em uma entrevista Machado (1996) chega a citar o seguinte: “Eu não achava que livros fossem nada de especial, fora do normal ou assustador. Para mim, eram só caixas de guardar histórias, tão interessantes quanto todas as que me cercavam o tempo todo, sem precisar de livro para ninguém contar” (Machado, 1996). Podemos observar esse pensamento em muitos jovens, senão, na maioria, é notório que esse pensamento tem grandes chances de desfazer-se a partir da infinidade de benefícios que a literatura apresenta, tanto para evolução pessoal, quanto para desenvolvimento social. As obras de Machado, por exemplo, em uma época de censura, deram voz aos silenciados e fez refletir aqueles que não viam o problema. Para Ribeiro (2002):

[...] A obra de Ana Maria Machado, entre outros escritores modernos, traz para a literatura infanto-juvenil, nos anos setenta, o questionamento social, um compromisso político, uma discussão do poder, em todos os seus níveis, rompendo com um modelo servilista, acomodado, moralista e pacificador da literatura voltada para crianças e jovens, até então e retomando a ruptura iniciada por Monteiro Lobato há cinquenta anos atrás. Portanto, a discussão dos modelos e papéis femininos insere-se num contexto maior de “rupturas” (Ribeiro, 2002, p.195 *apud* Costalonga, 2016, p. 84).

Quando se julga a obra de Machado como sendo de grande valia não apenas para o público infantil, mas também para o adulto, acreditamos ser pelo motivo dessa “ruptura” de pensar as obras infanto/juvenil não apenas como fantasiosas. Ana Maria Machado consegue trabalhar a fantasia, atraindo e formando leitores, ao mesmo tempo que abre caminho para que se tornem indivíduos críticos.

Machado trabalha a figura feminina com personagens fortes, construindo sua identidade diante de uma sociedade patriarcal, tendo comportamentos que quebrem os padrões esperados de uma mulher. No caso de *Bisa Bia, Bisa Bel*, este aspecto ganha ainda mais relevância e inicia um processo de “rupturas”, como aponta Ribeiro

(2002) ao dar voz a um assunto tão importante, mas ignorado ou até considerado desnecessário de discussões perante o machismo. E entende-se que esse é o objetivo e estímulo de Ana Maria Machado ao escrever suas obras, dar voz a uma temática importante, criar vínculos, contribuir de fato para a sociedade, como ela comenta no fragmento a seguir:

Fui descobrindo que o maior estímulo e prêmio de um escritor é de outro tipo. É o leitor que se manifesta para um diálogo inteligente, a leitora que se sente tão tocada pelo texto, que escreve uma carta para uma autora que nunca viu e a manda para a editora. É para ele (ou ela) que eu escrevo, não importa sua idade, não importa que na hora de escrever eu nem esteja sabendo disso e creia que só estou me dirigindo a mim mesma. Depois de pronto e publicado, acabo vendo que não é. Só o leitor completa o processo da escrita, estabelecendo pontes entre seres humanos, vínculos entre consciências. Sem leitor não há livro. Com leitor, o mundo todo se enriquece e se transforma numa oportunidade de leitura para todos, autores e leitores. (Machado, 1996, p. 66)

Um texto só pelo texto não carrega benefício, um prêmio não é inspiração para Ana Maria Machado. Acreditamos que por isso suas obras são de tamanha riqueza, pois suas intenções são de atingir o seu público, uma troca mútua entre quem escreve e quem lê, um ciclo que propaga aprendizagem em todo o seu processo, que engrandece o leitor que não lê por ler, que absorve, questiona, reflete e aprende. Ana Maria Machado também deixa entender como é importante observar o seu público, aproximar-se de pessoas que admiram seu trabalho e o seu eu, sem ao menos conhecer o escritor, de fato, e que a troca de experiência entre os seres humanos é imprescindível.

Também acerca de sua obra, destacamos a afirmação de Lajolo (2001, p. 3) sobre a narrativa *Bisa Bia, Bisa Bel*: “um livro bem escrito como *Bisa Bia, Bisa Bel*, nos sentimos tão contagiados pela narrativa que parece que a história se passa com a gente. Ficamos íntimos das personagens”. Vejamos a seguir uma leitura mais atenta em torno desta história.

3 *Bisa bia, Bisa Bel*: a busca de identidade e de equilíbrio interior em Ana Maria Machado

Esse terceiro momento do artigo é dedicado ao estudo analítico da narrativa *Bisa Bia, Bisa Bel* (1982), procurando observar de que maneira se configura na narrativa a busca pela identidade e o equilíbrio interior no enredo da obra. Para tanto, centraremos a análise na personagem central do enredo, bem como no foco narrativo, além de outros elementos estruturais da narrativa que se fizerem importantes para a construção do perfil da sua principal personagem. O livro chama a atenção pela busca da identidade e do equilíbrio interior por parte de sua protagonista, evidenciando, assim, a complexidade e a profundidade do texto, que, deste modo, exige um leitor mais experiente.

Bisa Bia, Bisa Bel foi publicado inicialmente, em 1982, pela Editora Salamandra e está dividido em 8 capítulos intitulados de: “No fundo de uma caixinha”, “Pastel bochechuda”, “Tatuagem transparente”, “Conversas de antigamente”, “Meninas que assoviam”, “Um espirro e uma tragédia”, “A dona da voz misteriosa” e “Trança de gente”. A obra *Bisa Bia, Bisa Bel* de Ana Maria Machado recebeu, além de diversos elogios, vários prêmios, dentre os quais destacamos o Selo de Ouro, Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (Melhor livro juvenil do ano, de 1982), Prêmio Noroeste, Bienal de São Paulo (Melhor Livro Infantil do Biênio, de 1984), e Américas Award for Children's and Young Adult Literature, Consortium of Latin American Studies Programs (Clasp, de 2003) e outros.

Nesta obra podemos observar a construção de uma trilogia temporal, um entrelaço entre presente, passado e futuro, que influencia a personagem principal e favorece sua busca interior, tendo como tipo de narrador o narrador personagem, o livro conta a história de Isabel e o encontro imaginário dela com mais duas gerações, sua Bisa Bia, personagem “real” do passado, e sua neta Beta, inventada pelo imaginário de Isabel. A mãe de Isabel em uma de suas arrumações pela casa encontrou uma caixinha que logo interessou a ela:

[...] a gente podia contar a história de Bisa Bia assim: dentro do quarto de minha mãe tinha um armário, dentro do armário tinha uma gaveta, dentro da gaveta tinha uma caixa, dentro da caixa tinha um envelope, dentro do envelope tinha um monte de retratos, dentro de um retrato tinha Bisa Bia” (Machado, 1982, p. 7).

Bel achou que se tratava de uma boneca, pois Bisa Bia vestia roupas diferentes

e tinha o cabelo todo cacheado e arrumado, tal como uma boneca, e isso era diferente do que Isabel estava acostumada a ver. A partir disso ela se encantou e queria saber mais sobre sua descendência. Convenceu sua mãe a ficar com o retrato e levá-lo para todo lugar no bolso do seu jeans. Um certo momento Isabel percebeu que Bisa Bia a estava incomodando, pois não gostava de algumas brincadeiras, roupas e falas de Bel. Isabel chega a perder o retrato, mas acredita que ele tenha virado uma tatuagem invisível e que agora Bisa Bia mora dentro dela. As duas então começam um diálogo imaginário em que Bel expõe suas opiniões em discordância com as de Bia, o que favorece a construção de sua identidade, entretanto, Isabel não a julga, pois compreende que se trata de uma outra época com costumes diferentes. Adiante surge Beta, bisneta de Isabel. Esta já dialogava com Bisa Bia. A função de Beta é representar o futuro, e então a obra acontece em torno desses diálogos e divergências de ideias entre os três tempos.

Trata-se de uma obra literária infanto-juvenil, mas que consegue ser querida por todas as faixas etárias, pois existem várias possibilidades de interpretação e análises, como cita Lajolo (2001): “Num livro bem escrito como *Bisa Bia, Bisa Bel*, nos sentimos tão contagiados pela narrativa que parece que a história se passa com a gente. Ficamos íntimos das personagens.” (Lajolo, 2001, p. 3).

Isabel é uma menina curiosa, crítica e sua narrativa deixa espaço para que seus leitores reflitam a mulher como ser ativo, apresentando problemas sociais e culturais, principalmente desconstruindo o estigma de submissão ligado ao sexo feminino. Machado traz essas abordagens de forma leve e fantasiosa, sem que o vocabulário e interpretação fuja do seu público alvo. Antunes (1982) no *Jornal de Brasília* faz o seguinte comentário sobre o livro:

Quem lê *Bisa Bia*, entende o porquê de tantos prêmios. Escrevendo para crianças e jovens, Ana Maria Machado não confunde “faixa etária” com “faixa otária”, isto é, sabe que seu público não é formado [...] por miniaturas de adultos já devidamente conformados (conformados, aqui, no duplo sentido de uma personalidade já delineada, e também da alienante apatia que costuma contaminar os mais velhos). E por saber que seu público não é “otário”, Ana Maria Machado discute com ele, numa linguagem apropriada à idade e através de historinhas que fazem pensar sem doutrinar, os problemas do mundo circundante. *Bisa Bia, Bisa Bel* é um livro sobre a marcha da História, a transformação dos costumes, o choque entre as gerações, mas é, sobretudo, um livro sobre a dialética dinâmica do tempo, o presente contendo em si as lições do Passado e já deixando antever as conquistas do Futuro” (ANTUNES, 1982).

Em se tratando de busca de identidade, falamos também dessa construção, ou

seja, de entender como identidade e relações sociais são construídas culturalmente. Diante disso, faz-se necessário levantarmos um questionamento: Isabel diz que “[...] nem reparou no choro do Vítor (que menino mais esquisito... será que ele nunca ouviu falar que homem não chora?)” (Machado, 1982, p. 53). O que faz Bel pensar que homens não choram? É de conhecimento comum que nossa sociedade desde sempre faz essas distinções entre os gêneros feminino e masculino, ditam as regras daquilo que é de menina não é de menino e vice versa. A este respeito, Lins (2016) argumenta:

Além disso, se achamos “natural” que mulheres dirijam mal ou que homens não chorem, partimos do pressuposto de que não há diferenças entre os indivíduos do próprio grupo. Se uma mulher for uma motorista exemplar, ela deixa de ser mulher? Se uma menina não gosta de usar batom, ela deixa de ser menina? E se um homem for sensível e emotivo, suas lágrimas o tornam menos homem? As exceções nos mostram que não é da natureza nem das mulheres nem dos homens se comportarem todos da mesma maneira. Afinal, se fosse o cromossomo Y que definisse que homens não podem chorar, talvez pessoas do sexo masculino nascessem sem a capacidade de produzir lágrimas (Lins, 2016, p. 15-16).

Isabel então observou Vítor falar e notou nele uma certa singularidade, pois ele não permitiu que o seu gênero definisse sua postura, sua fala, ou que aprisionasse seus sentimentos e dividiu-os com a turma sem medo de julgamentos. É possível observar que Isabel se surpreendeu e admirou essa ruptura, de um menino quebrando padrões machistas. Por outro lado, temos Sérgio: “Mas se tem um troço que me deixa louca de raiva com ele é essa mania de rir de mim quando os amigos estão perto, esse jeito de fazer de conta que menina é uma pessoa sem importância, de me tratar como se eu fosse uma boboca” (Machado, 1982, p.14-15). A fala de Isabel mostra Sérgio como representação da maioria dos meninos, que na presença dos amigos tinha atitudes que descaracterizavam o seu afeto como se fosse comum entre os meninos a antipatia pelo sexo oposto.

Diante disso, ainda oscila em Isabel um pensamento retrógrado, uma fala de sua tia que diz: “eu já ia ficando com raiva quando lembrei que minha tia diz que homem é assim mesmo, vive ocupado com coisas mais importantes, não entende muito de moda, a gente precisa ter muita paciência com eles” (MACHADO, 1982, p. 14). Outro questionamento acerca da importância que nós mulheres carregamos, mas importância essa que vai sendo engavetada enquanto alimentamos o machismo, ao justificar que “homens são assim mesmo” e que “nós mulheres amadurecemos mais cedo”.

Adichie (2017) no livro *Para educar crianças feministas*, faz um levantamento

de ensino necessário que pode ser trabalhado em sala e em família com a criança: “Ensine a ela que ‘papéis de gênero’ são totalmente absurdos. Nunca lhe diga para fazer ou deixar de fazer alguma coisa ‘porque você é menina’. Porque você é menina nunca é razão para nada. Jamais” (Adichie, 2017, p. 21).

Os trechos a seguir são mais alguns dos pensamentos machistas enraizados sobre como as meninas/mulheres devem se portar em certo momento. Isabel estava brincando, quando Bisa Bia diz que: “— Ah, menina, não gosto quando você fica correndo desse jeito, pulando assim nessas brincadeiras de menino. Acho muito melhor quando você fica quieta e sossegada num canto, como uma mocinha bonita e bem comportada” (Machado, 1982, p.18). Anteriormente Isabel já havia narrado que sua Bisavó não gostava de tais comportamentos: “[...] Bisa Bia [...] não gosta de ver menina usando calça comprida, short, todas essas roupas gostosas de brincar. Acha que isso é roupa de homem, já pensou? De vez em quando ela vem com umas idéias esquisitas” (Machado, 1982, p. 12).

Nos diálogos entre Bisa Bia e Isabel podemos sempre perceber essa distinção de gênero que Bisa Bia aponta, de que meninas não podem isso ou aquilo, entretanto, percebe-se a desconstrução de Isabel, uma criança emancipada, visto que apesar das vozes de sua bisa, ela acaba tomando suas decisões por si só. Essa desconstrução é um processo contínuo, porque ao mesmo tempo que ela está formando sua identidade, vai haver oscilações, pois ela cultiva um pouco do Bia e um pouco de Beta, analisa com respeito o que ela não quer ter de volta do passado e de quem e como ela quer ser vista no presente e lembrada no futuro.

Dona Sonia ia falando e comparando, pegando meu rosto, virando para a luz da janela: — Impressionante... você tem os olhos dela.
Mas quando ia perguntar como é que os olhos podiam ser dela, se eram meus, o sinal tocou e Dona Sonia saiu pelo corredor [...] (Machado, 1982, p. 16).

O trecho acima afirma a autonomia de Isabel, e como ela valoriza o fato de ser singular, quando destaca isso em alguns outros momentos da narrativa: “Eu sou eu, vivo no meu tempo [...] Bisa Bia? Eu sou eu, ouviu?” “Eu sou eu! Eu sou eu!” Entendemos que Sônia não falou no sentido real, mas acredito que por Isabel estar passando por essa transição de infantil para adolescência ela ainda carrega consigo muita ingenuidade.

Dado os muitos acontecimentos da nossa sociedade, é extremamente importante a forma como Ana Maria Macha aborda o tema da exploração na obra. No

trecho abaixo, Bisa Bia fala sobre cabeceira, mas utiliza um termo antigo e hoje considerado, com razão, inadequado. Infelizmente, ainda no século XXI nossa sociedade sofre com o racismo e o machismo, principalmente no âmbito escolar. É na escola que acontece a maior troca de experiência e convivência, ou seja, é a partir dessa troca que cada um vai se autoconhecer, e infelizmente, em contrapartida, existe um “padrão” de comportamento diante as diversidades, nos deparamos com o bullying, preconceitos, machismo e afins.

No fragmento a seguir a obra de Machado aborda a evolução da nomenclatura dos objetos que antes carregavam um duplo sentido racista, quando a personagem Bel rápida e atentamente vê a problemática de usar o termo “criado mudo”:

- Criado mudo? Você não disse outro dia que criada era empregada? Puxa, vocês gostavam mesmo de explorar os outros, hem, tratar todo mundo feito escravo... Pra que é que precisava de um coitado de um mudo pra guardar penico?
- Não, Isabel. Criado-mudo era uma espécie de mesinha do lado da cama, um armário pequeno...
- Ah, uma mesinha de cabeceira... (Machado, 1982, p. 25).

Segundo Leo (2021), o termo é derivado de homens e mulheres escravos que por vezes tinham que ficar imóveis ao lado de seus “senhores” e em completo silêncio. Ter conhecimento sobre esses fatos antepassados e gerar estranhamento em Bel é então um sinônimo de formação de uma nova e melhor geração.

- O que mais me chateia em Bisa Bia é a mania que ela tem de dar conselhos, como se ela fosse a maior e soubesse de tudo, só porque viveu mais tempo [...] — Escute o que estou lhe dizendo, aprendi com a minha experiencia...
- Por isso mesmo, ué, se eu não puder fazer as minhas próprias experiências, como é que vou aprender? (Machado, 1982, p. 29)

A passagem acima é um exemplo de que para se conhecer é preciso fazer as próprias escolhas e ter as próprias experiências, não é possível viver a vida do outro, cada ser é individual. Bel acredita que Bisa Bia pode saber sobre si, e que conselhos são importantes, mas ninguém tem domínio da vida, apenas de si, e as vezes nem isso, pois trata-se de uma construção.

Um fato admirável na personagem Isabel é que mesmo em se tratando de uma pré-adolescente, Machado não trabalhou nela como uma personagem difícil, Bel tem esse equilíbrio entre ser menina/jovem e respeitosa com os mais velhos, ela valoriza a necessidade de entender as histórias passadas, para descobrir como era, como chegou ao que é em sua época e o que ela pode fazer para ser no futuro. Isabel diz

que conversava com Dona Nieta sobre o passado e que Nieta admirava o fato de que Bel, uma menina tão jovem, perdesse tempo conversando com ela.

No fragmento a seguir podemos observar mais uma vez o estigma social de que tal coisa é característica do gênero masculino, fato que deixa Isabel enraivecida, mas ao mesmo tempo retoma a “salada” que são os sentimentos dela. Esse trecho ocorre a partir do momento em que a voz de Neta Beta influencia Bel a romper com o perfil de mulher frágil, com a necessidade de agradar a Sérgio com uma personalidade mais “feminina”, havendo uma desconstrução da mulher em posição de dependência da afirmação masculina.

—E você sobe em árvore feito um menino.

Só ouvi a voz de Bisa Bia:

— Viu só? Ele acha você parecida com um menino. Homem não gosta disso. Agora ele fica pensando em você como um moleque igual a ele e vai levar uma goiaba de presente para aquela menininha bem arrumada e penteada que está esperando quieta na calçada... Finge que se machuca, sua boba, assim ele te ajuda. Chora um pouco, para ele cuidar de você...

[...] quando ouvi aquela outra voz, [...] ela dizia assim: — Não finge nada. Se ele não gosta de você do jeito que você é, só pode ser porque ele é um bobo e não merece que você goste dele. Fique firme (Machado, 1982, p.34).

Esse trecho nos faz retomar o ponto de que Bel diz que nem sempre os conselhos ou experiências de Bisa Bia são válidos para ela, que precisa ouvir apenas a si mesma e não se moldar para agradar a outros. O fragmento “E você sobe em árvore feito um menino” novamente impõe regras de meninos e meninas, sem base em nada concreto, são apenas imposições patriarcais que esperam das mulheres comportamentos frágeis e delicados.

A seguir, Sérgio elogia Bel que, por sua vez não vê problemática no elogio, mas se analisarmos há no contexto do diálogo um exemplo de rivalidade feminina, em que há exaltação de Isabel mediante a ridicularização de outra menina. “— Você é mesmo a menina mais legal que eu já conheci, não é feito essas bobonas por aí, que parece que vão quebrar à toa”. (Machado, 1982, p. 35)

Em outro momento da narrativa, Isabel ia conversando com sua mãe quando ela lhe contou que antigamente as pessoas tinham muitas empregadas em casa, claro que de acordo com sua posição social e financeira, mas que por isso costumavam usar coisas que não eram tão práticas. Por exemplo, como citado no contexto do diálogo, lenços de pano para passar o tempo. A mãe então cita o seguinte:

— O que eu acho é que um trabalho que não transforma o mundo, não melhora as coisas, é só manter como estava, lavar para ficar limpo e depois

sujar, cozinhar para comer e depois ter mais fome, sei lá... Claro que educar filho é trabalho que transforma o mundo, mas isso é coisa que pai também faz, e mãe que trabalha fora também... (Machado, 1982, p. 41 – 42).

Um ponto importante a ser abordado é o trabalho doméstico, a jornada materna e paterna, uma quebra nos costumes de que apenas as mulheres devem fazer os serviços básicos para sobrevivência tanto do homem como mulher. Nesse sentido, tanto homem quanto a mulher comem, portanto, é justo que ambos saibam preparar algo para comer, ambos sujam, ambos precisam limpar, a jornada paterna não deve ser menor que a materna e nos faz refletir sobre a importância de escolher fazer o que é necessário e não apenas o que é tido como “serviço do outro”. Nesse caso, a mãe de Isabel fala sobre a divisão das tarefas, para que todos cumpram com os seus devidos afazeres e se sintam úteis com os que lhes forem encarregados, retomando o posicionamento de que mulheres não são resumidas aos homens e seus comandos patriarcais.

Adiante, Isabel fala sobre o conflito interior entre achar que deve ouvir sua bisneta que seria a voz mais avançada ou ouvir os palpites de sua Bisa Bia, a voz mais “experiente”, até pelo fato de que, ao seguir os palpites de Bisa Bia, Isabel segue para algo já premeditado, ou seja, é mais confortável saber o que esperar do que seguir para algo novo. O fragmento a seguir explica um pouco esse conflito interior de Isabel:

Mesmo quando eu acho que minha bisneta é que está certa, às vezes meu coração ainda quer-porque-quer fazer as coisas que minha bisavó palpita [...] Mas também tem horas em que, apesar de saber que é tão mais fácil seguir os conselhos de Bisa Bia, e que nesse caso todos vão ficar tão contentes com o meu bom comportamento de mocinha, tenho uma gana lá de dentro me empurrando para seguir Neta Beta, lutar com o mundo, mesmo sabendo que ainda vão se passar muitas décadas até alguém me entender. Mas eu já estou me entendendo um pouco — e às vezes isto me basta (Machado, 1982, p. 48).

Isabel vai compreendendo que seu processo de vida é só dela, e quem precisa entender a si mesma é ela, então esses conflitos vão formando sua personalidade. Assim, mesmo que pareça bagunçado, talvez o processo de se autoconhecer seja exatamente isso, precisa haver um equilíbrio para compreender que, nem tudo do passado é ruim que não possamos reprisar e nem tudo do que está por vir precisamos querer reproduzir.

Podemos citar como exemplo o movimento feminista, que ganhou força na década de 70 e se destaca por lutar pela equidade de gênero e pela liberdade feminina,

sobretudo de poder escolher o que fazer e quem quer ser. Podemos notar mais uma vez o dilema da personagem no seguinte fragmento:

Mas também tem outra coisa: quando eu começo a ficar muito moderna, muito decidida, a me sentir muito forte e muito capaz de enfrentar tudo, às vezes me dá uma “recaída de bisavó” como Neta Beta chama. Quer dizer, quero denegar, descubro que sou fraca numas coisas, tenho vontade de pedir colo e procurar alguém que me ajude, passe a mão na minha cabeça e tome conta de mim um pouquinho. Não dá para ser mulher-maravilha. Pelo menos, não dá o tempo todo, sem fingir. Vou descobrindo que dentro de mim é uma verdadeira salada (Machado, 1982, p. 49).

Ao mesmo tempo em vemos Isabel como uma personagem moderna, forte e determinada, a narradora protagonista não deixa de apontar esse avanço e recuo, ao passo que prossegue, problematizando padrões patriarcais, de que para ser forte ela precisaria reprimir seus sentimentos. Essa “verdadeira salada” são as vozes que ecoam em seu interior, entre se manter em zona de conforto e cumprir com o que se espera de uma menina, ou ainda dar um passo grande demais em rumo ao futuro e se sentir frágil, o que a faz ir se encaixando, tornando-se a representação do seu tempo.

Por fim, após o discurso de seu novo colega, Vitor, em falar sobre seu avô e todas as dificuldades enfrentadas por sua família, o narrador abre margem a uma reflexão: “E fiquei pensando nisso: como vai ser o mundo dos nossos netos? E dos nossos bisnetos?” (Machado, 1982, p. 55). Além de todos os temas da obra que podem ser pontuados e abordados em sala de aula, o fim da narrativa se dá com o colega de Isabel, o Vítor, ao sugerir uma pesquisa, momento em que toda a turma se empolga e concorda com a ideia.

A obra de *Bisa Bia, Bisa Bel* em si nos dá abertura para trabalharmos alguns projetos, mas a narradora ao fim do enredo nos entrega um explicitamente, “Ficar inventando como o mundo pode melhorar um pouquinho com cada um, já pensou? [...] Estudar o futuro, já imaginou? Muito melhor do que ficar sempre amarrada no passado, feito a escola está sempre fazendo” (Machado, 1982, p. 56). Ou seja, pode-se pensar que trabalhar um projeto com base na obra de *Bisa Bia, Bisa Bel* gere uma movimentação positiva nos alunos, e possa formar novos leitores dessa literatura.

Para romper com esse perfil de escola que Isabel cita é necessário que haja novas metodologias, que o livro não seja trabalhado apenas como obrigatoriedade, mas que exista uma funcionalidade para o leitor, ligada ao deleite e ao prazer. Antunes (2004) cita que o professor precisa trabalhar “com seus alunos (e não para eles)” (Antunes, 2004, p. 36), rompendo com a metodologia da repetição e produzindo de

fato conhecimento. Quando se fala em conhecimento, Isabel ressalta que se trata de um conhecimento além do regime colegial, mas para sua vida “E então eu soube, eu descobri. Assim de repente. Descobri que nada é de repente. Dessa vez, a pesquisa do colégio não é só em livros nem fora de mim. É também na minha vida mesmo, dentro de mim” (Machado, 1982, p. 56).

Por fim, Isabel resume a compreensão que tem, até o momento, do seu processo de construção de identidade:

Jeitos diferentes de meninos e meninas se comportarem, sempre mudando. Mudanças que eu mesma vou fazendo, por isso é difícil, às vezes dá vontade de chorar. Olhando para trás e andando para a frente, tropeçando de vez em quando, inventando moda. É que eu sou inventora, inventando todo dia um jeito novo de viver. Eu, Bel, uma trança de gente, [...] dividido em três partes e vou cruzando uma com as outras, a parte de mim mesma, a parte de Bisa Bia, a parte de Neta Beta. E Neta Beta vai fazer o mesmo comigo, a Bisa Bel dela, e com alguma bisneta que não dá nem para eu sonhar direito. E sempre assim, cada vez melhor. Para cada um e para todo mundo. Uma trança de gente (Machado, 1982, p. 56).

Em todos os âmbitos da vida, nota-se o enraizamento patriarcal na narrativa das mulheres, Bel transita entre os tempos, o ir e o vir das influências foram formando a personagem, deixando evidente que todo o ciclo social, cultural e afins, contribuem para construir sua identidade. Apresentar nesse sentido, a obra para alunos infantis e jovens, no âmbito escolar, lugar formam a maior parte do seu ser, lhes apresenta a importância de conhecer o passado, de idealizar o futuro e principalmente compreender as mudanças mesmo na dificuldade, respeitando as diversidades e o próprio processo de construção da própria identidade.

Dessa forma, compreender Bisa Bia, Bisa Bel é compreender ideais de respeito, de desenvolvimento social e pessoal, é posicionar indivíduos a serem capazes de refletir a si mesmo, para caminhar em um rumo “[...] cada vez melhor. Para cada um e para todo mundo” (Machado, 1982, p. 56). O leitor pode encontrar então nessa literatura diversas possibilidades de conhecimento entre as gerações como também autoconhecimento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ser humano precisa estar em constante evolução para a sociedade fluir de forma mais saudável e justa, é necessário investir e trabalhar desde a base, ou seja, já no ensino infantil, colocado à disposição das crianças e jovens temáticas sociais e culturais, atentando ao fato de apresentar tais assuntos de maneira que eles venham a refletir e compreender, ou seja, como abordado nos tópicos anteriores para que a literatura infanto juvenil funcione é fundamental que sua estrutura siga os elementos necessários, que seja formulada e aplicada de forma lúdica.

A partir disso, a presente pesquisa destaca a história e importância da literatura infanto juvenil, a relevância que Ana Maria Machado tem na literatura infantil, e em específico analisa a sua obra *Bisa Bia, Bisa Bel* (1982), procurando observar de que maneira se configura a busca pela identidade e o equilíbrio interior da personagem central na narrativa. Compreendemos que a leitura dessa obra possibilita que seu leitor tenha conhecimento e compreensão sobre temas da realidade social, como, por exemplo, o estigma feminino, a política e a busca pelo autoconhecimento.

Podemos concluir então que a análise feita aqui a fim de identificar e caracterizar a protagonista na narrativa; perceber, através do estudo da protagonista, bem como através do foco narrativo, de que modo a busca pela identidade se verifica na narrativa, nos concede então o debate acerca do papel da mulher na sociedade, e como é importante o fato de Ana Maria Machado criar essa narrativa em que a personagem principal vai se formando como indivíduo, ao mesmo tempo que dá voz a temas, situações e até mesmo a mulher em si, que por outrora foram e ainda são silenciadas, afetando assim, de forma positiva, os leitores a compreenderem, assim como a protagonista da obra, nessa busca por identidade, a como ser um indivíduo melhor.

Portanto, o interesse da narrativa *Bisa Bia, Bisa Bel* (1982) em sala de aula se dá pelo fato de ser uma obra que sendo bem trabalhada pelo professor, possivelmente despertará nos alunos interesse pela leitura. Nesse sentido, dentro das temáticas que a narrativa aborda, acreditamos que o contato com a obra oportuniza o aluno a pensar maneiras de encontrar equilíbrio interior e se autoconhecer, tal como compreender discursos sobre as problemáticas sociais associados ao gênero, a mulher e a desigualdade social.

REFERÊNCIAS

ADICHIE, C. N. **Para educar crianças feministas: um manifesto**. 1. ed. São Paulo: companhia de letras, 2017.

ANTUNES, Benedito. PEREIRA, Maria. **Trança de histórias: a criação literária de Ana Maria Machado**. São Paulo: Ed. UNESP, Assis - SP: ANEP, 2004.

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. Disponível em: < <https://www.academia.org.br/> > Acesso em: 20 de nov. 2023.

COSTALONGA, Soraya Jacome Dos Santos. **A Trajetória Temporal Da Representação Feminina Em Bisa Bia, Bisa Bel De Ana Maria Machado**. Vitória: Ufes, 2016.

CUNHA, Maria Antunes. **Literatura infantil: teoria e prática**. 18. ed. São Paulo; Ática, 2003.

Freire, P. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GANCHO, C. V. **Como analisar narrativas**. 7. ed. São Paulo: Editora Ática, 1999.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO INFANTIL. **Pedagogia concurseiros**, 2017. Disponível em: < <https://intensivopedagogico.com.br/> >. Acesso em: 19 de nov. de 2023.

LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. 6. ed. São Paulo: Ática, 2001.

LEITE, Ligia Chiappini Moraes. **O foco Narrativo**. São Paulo: Ática, 2002.

MACHADO, Ana Maria. **Esta força estranha: Trajetória de uma autora**. São Paulo: Atual, 1996.

MACHADO, Ana Maria. **Bisa Bia, Bisa Bel**. Ilustrações de Regina Yolanda. Rio de Janeiro: Salamandra, 1982.

CRIADO-MUDO: por que é uma palavra racista?. **Leo Social**, 2021. Disponível em: <https://leosocial.org.br/>. Acesso em: 15 de nov. de 2023.

LINS, Beatriz Accioly. *Et al.* **DIFERENTES, NÃO DESIGUAIS**: A questão de gênero na escola. 1. ed. — São Paulo: Editora Reviravolta, 2016.

PATROCINIO, Gabriela Trevizo Gamboni. **Ana Maria Machado: da criação ficcional à crítica – O valor da leitura literária**. São Paulo: PUC, 2014.

PAÇO, Glaucia Machado de Aguiar. **O encanto da literatura infantil no cemei Carmem Montes Paixão**. Mesquita: UFRRJ, 2009.

RIBEIRO, Francisco Aurélio. **Imagens do feminino em Ana Maria Machado e Lygia Bojunga Nunes**. *In*: DUARTE, Constância Lima; DUARTE, Eduardo de Assis; BEZERRA, Kátia da Costa (Org). *Gênero e representação na Literatura Brasileira*. Belo Horizonte: UFMG, 2002.

Web site oficial da autora: <www.anamariamachado.com.br>. Acesso em: 19 de out de 2023

AGRADECIMENTOS

A Deus, primeiramente, que através do espírito santo me deu infinitas forças para enfrentar a mim mesma e a todos os obstáculos que surgiram no processo, proporcionando a realização desta pesquisa.

A minha família, por tantos esforços em minha criação, a minha mãe, **Alex Sandra Santana de Araújo**, e a minha tia, **Adriana Santana de Araújo**, pelo carinho, amor e cuidado com o meu filho para que eu conseguisse concluir os meus estudos, a minha avó, **Marizete Santana**, por me incentivar, guiar pelos caminhos de Deus e lembrar-me sempre que o que ninguém pode me tirar é o meu conhecimento.

A família que Deus me permitiu construir, por quem eu lutei e luto todos os dias para que eu possa seguir uma carreira profissional que gere bons frutos e que tenhamos uma vida próspera, meu filho, **Arthur Santana de Araújo**, que após Deus, é minha maior fonte de vida.

Imensa gratidão a minha Orientadora, **Profa. Dra. Vaneide Lima Silva**, por tanta paciência, compreensão, inteligência e enorme colaboração neste trabalho.

A todos os professores, e funcionários do *campus IV* da UEPB que de alguma forma contribuíram para a minha formação ao longo do curso, em especial a, **Profa. Dra. Ana Paula Lima Carneiro**, primeira professora da minha turma e a quem tenho tamanha admiração e afeto.

A querida **Profa. Esp. Jordânia Dantas Freire**, que gentilmente aceitou participar da banca examinadora deste trabalho de conclusão de curso.

Aos meus amigos e colegas de turma, pela união e parceria durante esses cinco anos em que vivemos lindas experiências e trocas de conhecimento, como demonstração de carinho e amizade, agradeço em especial as minhas colegas e amigas **Itamara, Juliana, Jussara, Larice, Marcia, Maria Daura e Nádia**, por todas as vezes em que foram meu incentivo, em grande parte agradeço a vocês por chegar até a conclusão deste trabalho.

A todos que torceram e torcem por mim, os meus sinceros agradecimentos.